



GT 054. Políticas, etnografias e campos da extensão universitária na antropologia brasileira

Luciana Gonçalves de Carvalho (Ufopa) - Coordenador/a,
 Luciana de Oliveira Chianca (UFPB) - Coordenador/a,
 Ulisses Neves Rafael (Universidade Federal de Sergipe) - Debatedor/a,
 Lady Selma Ferreira Albernaz (ufpe) - Debatedor/a

A pesquisa de inspiração participante marcou a busca de uma construção reflexiva e dialética no campo antropológico, notadamente a partir dos anos 1970, no Brasil. O fazer antropológico expandiu-se então consideravelmente, na percepção de que saberes acadêmicos, científicos ou humanísticos pressupõem uma fusão de horizontes com os saberes populares e locais, sejam eles tradicionais ou não. Tal pressuposto transformou o cotidiano de muitos professores e pesquisadores, sendo que nas universidades brasileiras ele foi traduzido pela incorporação oficial da extensão no binômio ensino/pesquisa, relacionando conceitual e inexoravelmente a universidade pública com a sociedade e suas demandas. Este GT propõe o debate de aspectos conceituais, metodológicos, políticos, relacionais e pedagógicos de práticas extensionistas em diferentes contextos de atuação e em relação com áreas de conhecimento conexas à antropologia. São bem-vindos relatos de experiência e análises de programas, projetos de extensão universitária e ações extramuros, voltadas para educação, arte, saúde, meio-ambiente, patrimônio cultural, igualdade racial, direitos humanos, desenvolvimento local, trabalho e renda. Deseja-se estimular reflexões e críticas sobre o preceito da indissociabilidade das dimensões de ensino, pesquisa e extensão, considerando-se as condições objetivas e subjetivas da implementação das ações e mediações extensionistas nas distintas regiões do Brasil.

Sobre violências, vivências e resistências: educação, gênero e currículo

Autoria: Andressa Goulart Caroly, Thiago Vinícius Silva da Luz

Os debates acerca de temas como gênero, sexualidades e identidades dos sujeitos há muito tempo vêm sendo negligenciados pelo currículo vigente e formal da escola. O discurso, contudo, acerca do que é considerado feminino e do que é considerado masculino percorrem os corredores e adentram os mais diversos e inusitados espaços através de conversas informais entre uma aula e outra, nas quadras de esporte, na sala dos professores e até mesmo dentro da sala de aula ainda que de forma implícita ou extracurricular. À luz dos debates contemporâneos no campo da Educação, da Teoria Feminista e da Antropologia aliados a autores e autoras como Michel Foucault, Judith Butler, Bell Hooks, Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro, Sandra Mara Corazza e ativistas transfeministas como Maria Clara Araújo e Amara Moira foi possível traçar um resgate histórico acerca destes discursos e repensar o currículo de modo crítico, atento às diferenças e socialmente engajado e responsável. Não raro ecoam-se pelas escolas estes discursos sexistas através de frases como "os meninos tem mais facilidade em matemática do que as meninas?", "meninas não gostam de futebol?", "meninos não usam roupas rosa?", "as meninas são mais delicadas?" e "os meninos são mais violentos?" entre outras tantas. A partir destas reflexões foi realizada uma oficina de extensão universitária no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS com as e os estudantes da modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos/EJA, intitulada "Violência Contra a Mulher Cis, Trans e Travesti: Cotidiano, Currículo e o que a Educação tem a ver com isso?" na qual foi trabalhado com as e os estudantes temas como sexo/gênero, sexualidades, transfobia, tipos de violência contra as mulheres sejam elas cis, trans, negras, lésbicas, bissexuais entre outras possibilidades de existência e as suas possibilidades de resistência, com o auxílio de vídeos, cartilhas, charges, filmes, séries, dados do Disque 180 e relatos sobre violência. Este work relata e analisa a forma pela qual a oficina

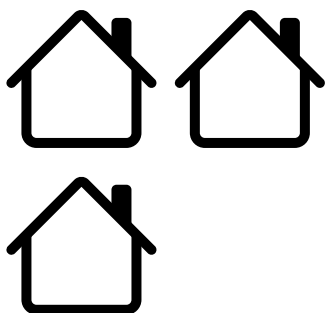


desenvolveu uma ação didática comprometida com a desconstrução: a) dos estereótipos de gênero; b) da suposta essência feminina; e, c) do suposto papel social da mulher na sociedade. Além disso, esteve completamente comprometida com a reflexão sobre como a violência contra pessoas do gênero feminino se constitui não só como fenômeno social, mas como produto de uma organização cultural que não só a legitima como muitas vezes a estimula.

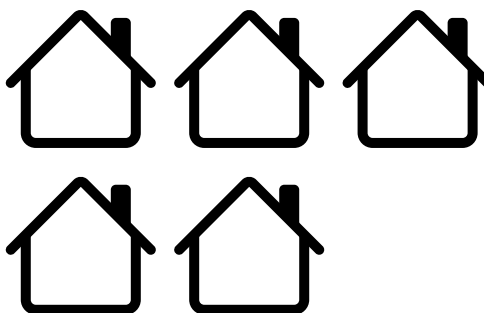
[Trabalho completo](#)



Realização:



Apoio:



Organização:

